

Comentário ao filme *Relatos Selvagens**

Carlos Javier Vidal Guerrero, SJ**

Introdução ao filme

Quem de nós acaso nunca sentiu a vontade de exercer com as minhas próprias possibilidades a vingança por alguma situação?

Acho que em estrito rigor, este filme trata sobre uma profunda e sofisticada comédia. Talvez própria do humor negro do rio da Prata, mas certamente, porque ao igual que a comédia clássica, trata-se sobre situações de homens e mulheres comuns, não de Deuses e coisas extraordinárias como fazia a antiga tragédia. Entretanto, nesta produção cinematográfica dá para perceber que a melhor comédia vem da tragédia, e, neste filme deliciosamente cínico, que sabe quando tem que ser sombrio, e quando não... Irá desenvolvendo um jogo de contrastes, os quais irão introduzirmos em um sentido de humor levado a um nível bem sério.

Trata-se de um filme de "Hiper-realidade", o extremo absoluto de situações do cotidiano, as que inteligentemente são levadas até o descontrole. O real deste enredo consiste em que tudo mundo alguma vez já experimentou na sua mente: "e se eu fizer explodir todo o Planalto de Brasília para acabar com a corrupção [...]!!!". O filme trabalha estas coisas, com cenas que bem expertamente, às vezes vão mostrar, e às vezes, somente sugerir.

* Este comentário foi apresentado dentro do Projeto Filmes para Pensar e Ser Mais, do PPG-Filosofia, no dia 03/10/2017.

** Estudante do terceiro ano de teologia da FAJE.

Acho que será de grande proveito estes seis episódios de vingança nos quais seremos cúmplices.

Depois do filme

Ainda que os seis curtos episódios selvagens — ou sem filtros — não encaixam numericamente como os cinco atos de Hamlet, sim apresentam um claro enredo sobre diferentes sedes de vinganças que ficaram expressas no decorrer destes relatos. Da mesma maneira em que o rei Hamlet pede a seu filho a morte do seu assassino, diferentes sombras ou fantasmas da existência de qualquer ser humano, visitam os corações das personagens nestes relatos selvagens, pedindo: morte, sangue, paixão, justiça e amor.

No primeiro relato descobre-se que alguém reúne a todos os que alguma vez o fizeram sofrer a Gabriel Pasternak. Imagina se a gente fizesse isso com todos os que alguma vez nos rejeitaram, nos fizeram bullying, com os que nos mal trataram irreversivelmente, todos os que não reconheceram nossos dons e capacidades. Vamos reuni-los dentro de um avião, e fazê-los chocar em cima um casal que aparentemente são os primeiros responsáveis de todo, os seus próprios pais. Pobre o homem que achou que o problema do mundo estava em outros, sem antes ter examinado seu próprio coração.

No segundo relato meu pior inimigo entra a comer no meu restaurante, o que fazer? Sem duvidar, há que mata-lo com a vantagem que a situação me concedeu. E o filho, também deve ser punido, sim, pois o mal é hereditário.

No terceiro relato, imagina uma disputa de classe social levada ao extremo de perder a vida na tentativa de matar ao outro. Olha a ironia, será que em verdade se trata de um crime passional, assim como foi sugerido na hipótese do boletim de ocorrência? Talvez não se trate de uma paixão entre dois homens, aparentemente dois machos alfas e heterossexuais, porém, aponta a um nível mais profundo de paixão da humanidade, onde o passional passa porque ambos não se conheceram. Por um lado, um por não aceitar o fato de não ter o carro do outro, e por outro lado, por não tolerar que um carro simples barrasse a sua passagem na estrada. Enfim, somente quando for tarde demais, poderão ser reconhecidos na paixão.

No quarto relato, *bombita* descobre que não se pode ser racional num estado latino-americano (aliás, ainda menos na Argentina, nem vou me perguntar por outros como os EUA, que embora do último tiroteio em Las Vegas, continua dizendo que é muito apressado afirmar que o sistema de venda de armas contribui a este tipo de tragédias). A única possibilidade para fazer ao sistema ser razoável, é fazê-lo explodir desde dentro do seu absurdo, somente assim será reconhecido nosso herói, curiosamente, no espaço onde não estão os favoritos deste sistema absurdo, em um presídio.

No quinto relato, Marx já advertiu nos séculos passados, o perigo que há quando todas as relações são mercadoria: o filho, a mãe, o pai, o advogado, o jardineiro e o juiz (qualquer semelhança com certas notícias judiciárias vindas de Curitiba são mera coincidência). Não há justiça com a mulher grávida morta, não há justiça para quem é pobre, somente para quem controla o sistema de mercadoria. Pois, tanto faz o valor, 1 ou 2 milhões de dólares, aquele que morre e paga nesta justiça distorcida é o pobre, esse que dia pós dia acorda para trabalhar nessa prisão que o próprio sistema impôs para ele, e este, iludidamente acreditou e aceitou.

Finalmente, no sexto relato, a noiva descobre que o noivo convidou no seu matrimônio a pessoa com quem ele a traiu, e como vingança ela decidiu traí-lo com um cozinheiro neste casamento. Sem dúvida este noivos tinham planejado muitas coisas, a musica, as comidas gostosas, mas certamente, não tinham visto se acaso havia amor entre eles, somente este foi encontrado quando o casal foi capaz de se ver, enxergando-se um ao outro, como animais sujos de sangue, no meio da violência, no fundo do poço, assim, estes conseguem abraçar-se em uma paixão amorosa nascida da morte [...] assim como o Senhor bombita na prisão, ou bem como os dois homens que se encontraram passionadamente, somente na hora em que mutuamente se mataram.

Quais são os animais mais selvagens? Aqueles que apareceram no começo do filme, ou acaso nós mesmos quando nos nossos raciocínios somos levados ao absurdo por paixões que somente se identificam com a pulsão de morte.

E vocês, em qual relato se identificam mais?